



Lélia Gonzales: por um feminismo afro-latino-americano

Alonso Bezerra de Carvalho

Departamento de Didática e
Programa de Pós-Graduação em Educação – Unesp/Marília



Vida



Filha de pai negro, ferroviário, e mãe indígena, empregada doméstica, nasceu em Belo Horizonte, no dia primeiro de fevereiro de 1935, e faleceu em 10 de julho de 1994, na cidade do Rio de Janeiro. Foi a penúltima filha de uma prole de 18 filhos, em uma família de baixa renda. Ao mudar-se com a família para o Rio de Janeiro viu sua vida ganhar uma oportunidade: estudar. Ingressou na universidade. Gradou-se em História e Filosofia. Fez pós-graduação em Comunicação e Antropologia e cursos livres em Sociologia e Psicanálise. Foi professora universitária.

Na universidade, conheceu Luiz Carlos Gonzalez, seu colega espanhol e primeiro marido. A agora, então, Lélia Gonzalez, vivenciou um momento crucial em sua vida, quando, a partir do preconceito da família de seu marido, obteve a consciência racial de quem ela era. Além do confronto com a família de Luiz, posteriormente Lélia também foi afetada pela trágica experiência do seu suicídio. Tais fatos, segundo ela mesma, deflagraram um processo de busca pessoal em direção à reconstrução identitária.

Apoiada pela psicanálise e pela religiosidade de matriz africana (Candomblé), Lélia redescobre sua negritude, suas origens e sua ancestralidade.

Obras

1. *Lugar de Negro* (1982), em coautoria com o sociólogo argentino Carlos Hasenbalg
2. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1983)
3. *A mulher negra no Brasil* (1984)
4. *Por um Feminismo Afro-latino-Americano* (1988)
5. *A categoria político-cultural de amefricanidade* (1988)

Noções principais de seu pensamento

1. Racismo por denegação
2. Pretoguês
3. Amefricanidade
4. Feminismo afro-latino-americano

Feminismo afro-latino-americano

A opressão racial nos faz constatar que mesmo os brancos sem propriedade dos meios de produção são beneficiários do seu exercício. Claro está que, enquanto o capitalista branco se beneficia diretamente da exploração ou superexploração do negro, a maioria dos brancos recebe seus dividendos do racismo, a partir de sua vantagem competitiva no preenchimento das posições que, na estrutura de classes, implicam as recompensas materiais e simbólicas mais desejadas. Isso significa, em outros termos, que, se pessoas possuidoras dos mesmos recursos (origem de classe e educação, por exemplo), excetuando sua afiliação racial, entram no campo da competição, o resultado desta última será desfavorável aos não brancos

Feminismo afro-latino-americano

Quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que a coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca. A empregada doméstica tem sofrido um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da “inferioridade”, da subordinação. No entanto, foi ela quem possibilitou e ainda possibilita a emancipação econômica e cultural da patroa dentro do sistema de dupla jornada

Feminismo afro-latino-americano

O feminismo latino-americano perde muito da sua força ao abstrair um dado da realidade que é de grande importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades dessa região. Tratar, por exemplo, da divisão sexual do trabalho sem articulá-la com seu correspondente em nível racial é recair numa espécie de **racionalismo universal abstrato**, típico de um discurso masculinizado e branco. Falar da opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito caro pelo fato de não serem brancas.

Feminismo afro-latino-americano

*É importante insistir que, no quadro das profundas desigualdades raciais existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual. Trata-se de uma discriminação em dobro para com as mulheres não brancas da região: as amefricanas e as ameríndias. O duplo caráter da sua condição biológica – racial e sexual – faz com que elas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Justamente porque esse sistema **transforma as diferenças em desigualdades**, a discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo: dada sua posição de classe, ameríndias e amefricanas fazem parte, na sua grande maioria, do proletariado afro-latino-americano.*

Muito obrigado!